

MEMÓRIAS  
DA  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE  
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLVI



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

LISBOA • 2024

MEMÓRIAS  
DA  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE  
LISBOA

---

O presente tomo das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras* reúne as comunicações apresentadas nas sessões académicas da Classe de Letras no ano de 2018.

---

*Título:* Memórias da Academia das Ciências de Lisboa  
Classe de Letras  
Tomo XLVI

*Edição:* Academia das Ciências de Lisboa

*Impressão:* Gráfica 99

*Data de impressão:* 2024

*ISSN:* 0378-116X

*Depósito legal:* 61370/92

*DOI:* <https://doi.org/00000>

# Nelson Mandela. Os Rostos de um Mestre

RUI FIGUEIREDO MARCOS

A diferença que separa a recordação da evocação é que a recordação não tem alma. De acordo com este ensinamento de Vergílio Ferreira, o que me proponho é abeirar-me, tanto quanto possível, de um exercício de evocação de Nelson Mandela, através da composição de um breve retrato.

Não constitui missão fácil esboçar o retrato de uma personalidade tão complexa e tão cheia de plúrimas facetas como a de Nelson Mandela. No entanto, admito que tenha alguma vantagem na composição do retrato de Nelson Mandela pintado pela palavra relativamente à técnica, ainda que apurada, de um pintor de elevada folha e craveira.

É que a arte não consegue o milagre de perscrutar, ler e exprimir todo o interior das almas e não tem outro remédio senão confessar-se impotente para fixar na tela, no bronze ou na pedra os dons e os predicados de uma pessoa que, pela sua exuberante riqueza ou pela distância intransponível do espírito à matéria, se mostram fugitivos à expressão plástica.

Neste aspecto, encontro-me muito bem acompanhado por um dos maiores poetas do classicismo renascentista e Doutor em Cânones pela Universidade de Coimbra, António Ferreira, que num engenhoso epigrama dirigido a um retrato de Dona Catarina de Sousa versejou, com inteira propriedade: “Mostrou o que pode a mão, a tinta e a arte /mas só o que não se vê é Catarina”.

O castelo mais acastelado do Homem, o reduto mais inexpugnável do seu ser, é a sua infância. Pinta uma pintura viva à qual prestamos homenagem toda a vida e que, verdadeiramente, não sai sem levar consigo o todo.

Nasceu Nelson Mandela no dia 18 de Julho 1918 num pequeno povoado. Cresceu num ambiente amável que o defendeu de muitas agruras. Até certa altura, não foi tocado pela segregação, porque a sua experiência com brancos era inexistente. Teve como modelo formativo do seu carácter a figura paternal. O pai de Mandela era um chefe local que também servia de conselheiro do rei do povo Tembo. De acordo com Mandela, o pai possuía um orgulho rebelde e um sentido obstinado de justiça que reconhecia nele próprio.

Os passos seguintes da sua educação levaram-no a incorporar uma bem timbrada identidade cultural e civilizacional. Assimilou-a, principalmente, em casa do rei do povo Tembu, Jongintaba, sem tutor, onde passou a viver, a partir dos nove anos, e nos diferentes colégios para negros que frequentou.

A pouco e pouco, transformou-se num sagaz leitor da natureza humana e num excelente intérprete de culturas civilizacionalmente distintas. Ele próprio, em certa medida e visto por certos ângulos, escutou sinetas aculturadoras em contacto com o modo de vida dominante na África do Sul. Nesse intencionado ou não contacto, sarjou decerto a sua mente uma implacável ética de comparabilidade. As lições, mesmo que repelidas ou repudiadas, não deixam de aguçar o engenho de quem as experiencia.

Exorbita naturalmente do âmbito desta singela intervenção o acompanhamento do trajecto de Nelson Mandela. O retrato que procurarei compor fá-lo-ei através de um mosaico de predicados que ressaltam da personalidade de Nelson Mandela. Não ultrapassarei um simples breviário e relanceado. Ainda por cima, falo, na Academia das Ciências de Lisboa, a respeito de Nelson Mandela depois de já o ter feito, de modo elegantemente insuperável, o meu distintíssimo Mestre, o Professor Mário Júlio de Almeida Costa, em ocasião solene.

Tenciono enfileirar um cortejo de rostos virtuosos de Nelson Mandela sem pretender estabelecer entre eles qualquer prioridade ou graduação. O primeiro é Nelson Mandela, o rosto da coragem. Ninguém nasce corajoso. A definição de coragem oferecida por Nelson Mandela revela uma imensa sabedoria. Coragem, segundo ele, é aquilo que escolhemos ser.

Um objectivo último que obrigou a que Nelson Mandela se transformasse num Mestre de um pensado domínio sobre o medo, quando não de um Mestre no disfarce do receio.

É certo que, por vezes, o receio é maior do que o perigo. Mas perante o perigo real ou diante de uma adversidade medonha, a regra inveterada de Nelson Mandela residia em nunca deixar transparecer o mínimo vislumbre de receio. E sempre o conseguiu.

Nelson Mandela foi também o rosto de um pragmatismo inteligente. Tornou-se Mestre de uma racionalidade prática, intencionada praticamente por quem não perdia de vista o seu rumo, mesmo quando aparentemente dele se distanciava.

A significar que mantinha uma constância infrene nos objectivos supremos, ainda que isso o compelsse, consoante o histórico contexto circunstancial, à

inconstância de algumas proposições instrumentais ou de certas tomadas de posição intercalares.

Levanta-se assim o véu dos contrastes e das contradições. Foi um arauto da paz e, todavia, foi o primeiro comandante da ala militar do Congresso Nacional Africano (ANC). Em tempos ainda verdes no ANC, começou por se opor à filiação dos que não eram negros. Mais tarde, mudou de entendimento. Também começou por se opor ao ingresso de membros do Partido Comunista e depois inverteu a sua posição.

Mas, na verdade, o espelho mais evidente da plasticidade estratégica residiu na magna questão do uso da violência como instrumento de luta pela liberdade. Como não se ignora, desde a sua formação, em 1912, o ANC tinha feito juras de não violar o princípio de protestar sem violência.

Só que Mandela, perante o recurso amiudado à força, por parte do governo, impacientou-se com a doutrina da não-violência e convenceu-se que apenas um movimento armado conseguiria derrubar o *Apartheid*. Ou seja, Mandela acreditava no mandamento da não-violência encarado numa óptica realista que o poderia apagar à força de golpes estratégicos, ou de o trazer de novo às luzes da ribalta. Mas sem disparos e estampidos de armas.

E não faltariam outras expressivas ilustrações deste tipo de racionalidade em Mandela. Denunciativa da impaciência que acabámos de salientar foi uma carta de 13 de Fevereiro de 1985 dirigida ao Presidente da República P. W. Botha. Rezava assim:

A natureza pacífica e não violenta da nossa luta nunca conseguiu sensibilizar o governo. Houve pessoas inocentes e indefesas impiedosamente massacradas no decurso de manifestações pacíficas. Recorde-se dos tiroteios de 1 de Maio de 1950 em Joanesburgo e, de 1960, em Sharpeville. Em ambas as ocasiões e em todas as instâncias de brutalidade policial, as vítimas foram homens, mulheres e até crianças todos indefesos. Por essa altura, o ANC ainda nem tinha deliberado sobre a ideia de recorrer à luta armada. Em 1976, era Ministro da Defesa o Senhor, não menos de 600 pessoas, na sua maioria crianças, foram mortas no Soweto.

Na história universal, raros foram aqueles que exibiram um rosto de uma paciência tolerante, ou se se preferir, de uma tolerância paciente. Nelson Mandela foi seguramente um deles.

E aqui julgo que o que cunhou, em definitivo, o seu carácter foi a prisão. Aí permaneceu cerca de vinte e sete anos. De 1962 a 1990. Entrou um homem, saiu outro, senhor de uma mais humana humanidade. Enquanto a maior parte dos homens abandonam as prisões mais rancorosos e amargos, Mandela rasgou os seus humanos horizontes.

A prisão de Robben Island representou para ele a verdadeira Universidade. Para além de debates sobre questões teóricas com outros presos, foi lá que aprendeu a ser realista e a examinar os princípios com os filtros das circunstâncias concretas.

Inclusivamente, transformou-se num provedor de direitos dos presos. Nos momentos adversos, nunca deixou abater o seu ânimo e alentou o ânimo dos outros.

Não poucas vezes, Mandela, graças ao estudo atento das pessoas com quem se ia cruzando, venceu a hostilidade de carcereiros e funcionários da prisão, logrando até captar a sua benevolência quando não simpatia. Em derradeira análise, acabaria por considerá-los do mesmo passo vítimas e carrascos do sistema do *Apartheid*, esse sim fonte da maldade. Como escreveu na sua autobiografia, o opressor e o oprimido são igualmente despojados da sua humanidade.

Meticuloso, Mandela preparava-se e estudava os seus interlocutores, mormente no campo político. Preparava-se para o esperado e para o inesperado. Diminuía assim o risco intencionalmente assumido.

Denunciativo disso mesmo foi a atitude arriscadíssima que tomou quando, em 1985, entabulou negociações com o governo, encontrando-se ainda na prisão. Este gesto coenvolvia um desrespeito por todos os princípios preconizados pelo seu movimento e contrariava todas as suas declarações anteriores, enfaticamente proferidas durante décadas. Podia mesmo arriscar o rótulo de traidor.

Mas o certo é que o acto foi preparado de longe. Mandela já se encontrava prisioneiro há vinte e dois anos. Compreendera que o ANC nunca conseguiria demolir o sistema pela luta armada e percebeu que o governo ansiava por uma oportunidade comercial dado o crescimento vertiginoso do movimento contra o *Apartheid*.

Quando Mandela foi levado da prisão para se encontrar com o Presidente da África do Sul, P. W. Botha, há muito que tinha iniciado os seus cautelosos preparativos. Obteve todas as informações que conseguiu acerca da personalidade do Presidente. Ensaiou o seu discurso, reflectiu acerca da sua retórica argumentativa e treinou o seu papel.

Mandela cumprimentou Botha em africânder. Bebeu chá e mostrou largos conhecimentos sobre a história africânder em geral, principalmente sobre a guerra anglo-bóer. O fito de Mandela era estabelecer um elo entre a revolta dos africânderes contra a Inglaterra e a luta do ANC contra o *Apartheid* e acentuou que naquela luta houve uma onda de libertação de presos. O Presidente Botha ficou satisfeito e acabou por libertar a figura cimeira de Walter Sisulu. Mandela sabia que os africânderes apreciavam a frontalidade e a correcção dos outros. E a delicadeza, a correcção, a transparência e a frontalidade foram os atributos persuasivos de Mandela. Venceram o gelo e a desconfiança.

Se os mortos esperam de nós outras coisas que não preces, é que deles se diga a verdade.

Nelson Mandela mostrava, de um outro ângulo, um rosto de uma firmeza tenaz ou de uma tenacidade firme. Dizia firmemente não em tais circunstâncias que outros diriam sim e repelia sempre o talvez. Era um homem de cume sincero e não um homem de meia encosta.

Mas a tenacidade trouxe o seu preço e não o escondeu. E esse preço mais tocante foram as turbulências familiares que experimentou. Os seus primeiros casamentos não resistiram.

Ainda estudante de Direito, o seu amigo Walter Sisulu apresentou-o a uma prima que primava por uma simplicidade discreta. Chamava-se Evelyn Mase. Mandela e Evelyn casaram-se e rapidamente tiveram quatro filhos. Todavia, os estudos, as canseiras políticas e a desgastante luta pela liberdade tornavam Mandela um marido distante e o casamento acabou em divórcio.

De viva voz, um dos cronistas de Mandela ouviu-o dizer que é “possível amar uma mulher à primeira vista, mas é preciso um ano ou mais para perceber que é mesmo amor”.

Atingido por um raio de luz, Mandela casou-se, em segundas núpcias, com Winnie Madikizela, em 1958. Apesar da admiração por Winnie que nunca rejeitou, o casamento não aguentou a clandestinidade somada à separação forçada pela prisão de 27 anos. Quando Mandela saiu do cárcere, o casamento não se conseguiu reatar em pleno.

O sacrifício dos próximos integrava a pauta moral de Nelson Mandela em nome de valores superiores. Quando, um dia, o seu primeiro filho lhe perguntou por que motivo nunca passava a noite em casa com a família, Mandela

retorquira, de modo implacável, que havia milhões de crianças que precisavam dele. Uma resposta absolutamente esmagadora. Mandela, porém, não deixava de se consumir por uma enorme mágoa interior. Como sinceramente confessou numa carta da prisão escrita em 17 de Fevereiro de 1986 e dirigida a uma amiga Joy Motsiela,

*A morte dos entes queridos e dos amigos íntimos, aos quais estamos ligados por inúmeros laços, alguns dos quais remontam a várias décadas, e a ampla variedade de problemas aos quais a família será exposta na nossa ausência são desgraças pessoais difíceis de suportar e que, na maioria dos casos, nos fazem reflectir se com esse género de vida devíamos constituir uma família, criar filhos e travar sólidas relações de amizade.*

Se mais tempo houvera, mais diria. Deste miradouro retrospectivo, talvez por inclinação pessoal, gostaria de deixar algumas observações acerca do papel do desporto na trajectória de Nelson Mandela.

Enquanto praticante desportivo, Mandela foi aquilo que veio a ser na vida pública. Disciplinado, intemorato e paciente. Já nem encarecerei muito o facto de se ter tornado um exímio jogador e campeão de Damas na prisão de Robben Island, exasperando os opositores com a demora nas jogadas para equacionar todas as possibilidades.

Ainda mais interessante me parece o facto de Mandela, na década de cinquenta, envergar a veste de advogado durante o dia e à noite se transformar em pugilista amador. Aí aprendeu a defender-se sozinho, a conhecer o adversário e a identificar as suas fraquezas.

Acode-me à lembrança um outro exemplo. O da vedeta mundial da arquitectura, o japonês Tadao Andō. Ele que foi boxeur profissional para amparar a sua avó. Sublinhou, frontalmente, que, uma vez no ringue, não podia escapar ao combate naquele quadrado fechado. No momento actual, diz ele, estou num projecto como sobre um ringue.

E, de outro ângulo, há também o Mandela que jogava com o desporto como arma política. Assim sucedeu com a habilíssima lição do aproveitamento do rãguebi. Era evidente que o rãguebi constituía o desporto nacional dos africanos. Fonte de orgulho pelas qualidades individuais, físicas e psicológicas, que exigia aos seus praticantes de eleição, virou uma espécie de religião.

A selecção nacional de rãguebi da África do Sul, uma das mais poderosas do mundo, era verdadeiramente adorada. Os temíveis Springboks habitavam um terreno coutado, do qual os negros estavam excluídos. O ANC odiava os Springboks e tudo fez para que a selecção de rãguebi da África do Sul fosse banida das competições internacionais.

Mandela, com rara sabedoria, na altura crítica da efervescência em 1994–1995, valeu-se do rãguebi para pacificar o País. Conquistou a simpatia e a admiração do formidável capitão dos Springboks, François Pienaar.

O certo é que Mandela muito contribuiu, com a sua intercessão nas instâncias internacionais, para que o campeonato do mundo de rãguebi se realizasse na África do Sul. Depois de várias visitas à equipa, em Maio de 1995, Mandela deslocou-se de avião, na véspera de os Springboks defrontarem o campeão em título e seu grande rival, a Austrália, para conversar directamente com os atletas.

E aí, sem rodeios, asseverou aos jogadores que, representando eles o País, podiam estar seguros do apoio de todos os sul-africanos, quer brancos, quer negros.

No seu mais vistoso gesto de reconciliação patriótica, Mandela assistiu à final do campeonato, realizada em Maio de 1995, no Ellis Park Stadium de Joanesburgo, apresentando-se equipado com a camisola e o boné dos Springboks. E a assistência entoou, em unísono, o seu nome. Foi uma das associações mais nobres e mais fecundas do desporto com a política em nome da paz.

Vou dar um polido retoque ao quadro que esbocei de Nelson Mandela.

Há uma rara estirpe de homens, como Nelson Mandela, que já viveram e vivem ainda. Outros vivem ainda e, sem disso darem conta, já morreram. Estão condenados a uma densa névoa que os atira para bem longe, precipitando-os numa descida, por escarpas cada vez mais inclinadas, em direcção à assustadora gruta do esquecimento.

Mandela foi preso ao atravessar a fronteira do Botswana para a África do Sul. Depois de um arrastado julgamento, viu-se condenado a prisão perpétua. A fronteira entre o mal e o bem, porém, não passa fora de nós, mas dentro de nós. Mesmo sabendo que sobre ele impendia a possibilidade de uma pena capital, Mandela não vacilou na longa alegação final que ousou pronunciar. E rematou-a com as seguintes palavras carregadas de dignidade.

Dediquei toda a minha vida à luta do povo africano. Lutei contra o domínio dos brancos, tal como lutei contra o domínio dos negros. Sempre defendi o ideal de uma sociedade democrática e livre, em que todas as pessoas vivem juntas e dispõem das mesmas oportunidades. É por esse ideal que espero viver, para um dia o concretizar. Mas, se tal for necessário, é um ideal pelo qual estou preparado para morrer.

Palavras digníssimas. Foi com esta superlativa dignidade que Nelson Mandela ganhou as asas do tempo, que transportarão o seu nome em homenagens sem fim. A grandeza da vida de um Homem consiste em gastá-la por alguma coisa que dure mais que ela própria. Eis a lição perene de Nelson Mandela que todos hoje veneramos na venerável Academia das Ciências de Lisboa.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA NO COLÓQUIO DE HOMENAGEM A NELSON MANDELA,  
NA SESSÃO DE 20 DE NOVEMBRO DE 2018)